

Jazz
14 Novembro 2010

Saxophone Summit

Joe Lovano · David Liebman · Ravi Coltrane

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofone Joe Lovano Saxofone David Liebman Saxofone Ravi Coltrane
Piano Phil Markowitz Baixo Cecil McBee Bateria Billy Hart

Dom 14 de Novembro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h30 · M12

Uma cimeira ao mais alto nível

Para quem pertence ao mundo do jazz, sobre ele se documentou ou está habituado a frequentá-lo, a expressão “Saxophone Summit” não é certamente estranha e poderá até fazer despertar memórias de tempos idos: por exemplo, as chamadas *jam sessions*, sessões de improvisação até alta madrugada que com frequência se desenrolavam (e continuam de vez em quando a desenrolar) nos clubes de jazz quando, em noites de folga ou após as suas ocupações profissionais, meia dúzia de músicos se juntavam para fazer música em conjunto. Pelo simples prazer de tocar “música pela música” e não necessariamente como modo de ganhar a vida.

A muitas e muitas dessas sessões, que se tornaram prática musical de conjunto um pouco por todo o mundo nos encontros ocasionais de músicos de jazz realizados de forma não organizada, só tinham em geral acesso alguns “eleitos”, ouvintes e amadores de jazz próximos do meio, que, de boca em boca, ouviam falar (e faziam constar) que naquela noite, a tal hora, num determinado local, poderia acontecer (ou estava mesmo combinada) uma *jam session*!

Para falar num exemplo cinematográfico tão genuíno como bem ficcionado e encenado – o filme *Kansas City*, de Robert Altman (1996) –, as sequências de *jam sessions* que nele se podem ver e ouvir traduzem da melhor maneira a atmosfera de entusiasmo e de saudável competição que tais encontros musicais proporcionavam, não só na relação artística e humana entre os próprios músicos

como entre estes e o público fiel que comungava de forma cúmplice e acalorada de um tal culto e celebração.

Num outro campo, acumularam-se também ao longo da história do jazz inúmeras edições discográficas que levavam no seu título a apelativa expressão “Summit” que, em geral, significava a reunião em estúdio, num espírito muito próximo do da *jam session* (embora sem a participação do público), de vários músicos em compita improvisativa, estando na linha da frente, muitas vezes, representantes do mesmo instrumento (quase sempre o saxofone, que muito se presta a este tipo de desgarradas), a ponto de se chegar a chamar “batalhas” a essas reuniões, tal a intensidade posta pelos participantes na “refrega” musical. Nos anos de 1940 e 1950 ficaram célebres, entre muitas outras, as “batalhas” de Dexter Gordon vs. Wardell Gray, Zoot Sims vs. Al Cohn, Sonny Stitt vs. Gene Ammons, Phil Woods vs. Gene Quill, Eddie “Lockjaw” Davis vs. Johnny Griffin. Não por acaso, todas elas, “batalhas de saxofones”.

Vem isto a propósito do concerto desta noite, não para reforçar qualquer tipo de analogia entre as situações atrás descritas e aquilo que em boa verdade poderá passar-se em palco mas essencialmente para sublinhar que esta “cimeira” de saxofones, incluindo aliás, aqui e ali, outros prováveis instrumentos que não fazem parte desta família – como a flauta de bambu (no caso de David Liebman) ou o clarinete alto e o tarogato (instrumento húngaro, espécie de soprano duplo, no caso de Joe Lovano) –, não se integra neste conceito tradicional de “batalha” mas suscitará sem dúvida, mesmo assim,

fartos momentos de emulação, já que esta decorre naturalmente do facto de estarem lado a lado, simultaneamente, três saxofonistas.

Nas próprias palavras de David Liebman que, enquanto seu co-fundador, sempre funcionou na prática como catalisador do grupo e ao qual, no fundo, está atribuído em palco um papel agregador de direcção musical, a constituição deste “Summit” tem como origem mais remota uma homenagem à memória de John Coltrane; e, para tal, a conjugação do próprio Liebman com Joe Lovano e Michael Brecker, todos eles grandes admiradores e herdeiros do génio de Coltrane, fazia todo o sentido.

A junção criteriosa a estas três referências do saxofone moderno de uma secção rítmica que não se limitasse a ser um burocrático trio de acompanhamento puro e simples mas se tornasse o próprio motor de propulsão de todo o sexteto, interferindo no rumo colectivo do desenvolvimento das peças e dos vários discursos individuais dos solistas, foi o passo seguinte dado com consabido êxito: Phil Markowitz é um dos mais cultos, inteligentes e sensíveis pianistas capazes de tomar a iniciativa na criação das viragens harmónicas e rítmicas mais inesperadas por que passa uma determinada execução musical ou de a elas reagir de forma não seguidista ou subserviente; Cecil McBee, pela sua participação de anos em situações criativas as mais diversas em termos estéticos, é também ele um factor de causa e efeito no que respeita à sua relação com o colectivo e à sua estreita e particular cumplicidade com Billy Hart; enquanto este último se transforma num verdadeiro catalisador de todo o grupo, quer

pelos explosões e decisões imperativas que geralmente toma nos momentos certos quer pela delicadeza e a propósito com que sublinha e se integra em certas passagens menos arrebatadas.

Compreende-se assim que uma tal cimeira ao mais alto nível apenas se realize de tempos a tempos, não necessariamente para resolver tempos de crise – que seguramente não são da sua responsabilidade... – mas à medida que o permitam as suas preenchidíssimas carreiras pessoais, como líderes dos seus próprios projectos. Mas sem dúvida que, quando tal acontece, é um prazer e um privilégio assistir *in loco* à dialéctica das suas discussões musicais, ao acerto e desacerto das suas posições respectivas, aos avanços e recuos das suas propostas individuais, e sobretudo à credibilidade de um resultado partilhado, transparente e genuíno, numa atmosfera de liberdade e não-coacção que o jazz, em particular nos seus melhores momentos, é capaz de assegurar.

Um período doloroso que certamente pesou no ânimo dos fundadores deste “Saxophone Summit” foi o que se seguiu ao desaparecimento prematuro de um dos seus membros mais talentosos e fulgurantes: o saxofonista Michael Brecker. Depois de algumas experiências em busca de uma solução para esta forçada ausência, a escolha final de Ravi Coltrane revelou-se uma solução certa. Não só se tratava e trata de um dos mais competentes e criativos saxofonistas de uma geração mais recente – com um percurso estético de pesquisa e abertura que parte de outras raízes e, portanto, trazendo sangue novo a um colectivo estabilizado – como ainda transporta consigo, enquanto filho de Alice e John

Coltrane, um apelido de grande peso simbólico mas também uma linguagem estética afastada (na medida do possível, porque o DNA está lá) da matriz paternal que marcou toda a história do saxofone-tenor moderno.

Não se estranhará, portanto, que em termos de repertório este “Summit” continue a seguir a tradição de homenagear John Coltrane. Foi também esse propósito que levou à evocação no segundo álbum do grupo (*Seraphic Light*, Telarc, 2008) de três obras do derradeiro período da carreira do grande mestre: *Cosmos*, *Expression* e *Seraphic Light*, todas elas extraídas de *Stellar Regions*, uma edição póstuma de obras de Coltrane nas quais participava a sua mulher. Entretanto, a morte de Michael Brecker (ocorrida, por trágica coincidência, no dia seguinte ao desaparecimento de Alice Coltrane, em Janeiro de 2007) constituiu ainda um outro motivo de dedicatória, particularmente com a inclusão, em *Seraphic Light*, de uma peça (*Message to Mike*) composta por seu irmão, o trompetista Randy Brecker.

É assim muito provável que, na base do repertório deste concerto, não apenas estas duas referências do jazz moderno continuem a ser invocadas como dele façam parte algumas peças incluídas no alinhamento de *Seraphic Light*. Mas serão ainda ouvidas obras bem estimulantes de cada um dos músicos presentes, numa comunhão e num convívio que certamente terão, como tónica comum, os discursos individuais ou a improvisação colectiva, o contraste entre o *tutti* do sexteto e a sua subdivisão em quartetos de personalidade diversa, na estimulante coabitação de um jazz ao mesmo tempo estruturado

e inteiramente livre, cuja construção pedra-a-pedra teremos a fortuna de ir testemunhando.

Manuel Jorge Veloso
blog *O Sítio do Jazz*

Joe Lovano

saxofone

Joseph Salvatore Lovano nasceu em Cleveland, Ohio, em Dezembro de 1952. O seu pai, barbeiro durante o dia, era um excelente saxofonista tenor durante a noite, como o eram os tios Joe e Nick. A sua mãe e a tia Rose eram aficionadas ouvintes de jazz. Não admira que, crescendo numa família assim, Joe começasse a tocar saxofone alto aos cinco anos, mudando para o saxofone tenor poucos depois. Com 16 anos Lovano era músico profissional, tocando em clubes e em *cover bands* da Motown, poupando dinheiro para pagar os seus estudos.

Acabado o ensino secundário foi estudar para a Universidade de Berklee, em Boston. Esses anos de estudo foram determinantes no estabelecimento de uma rede de contactos que lhe haveria de permitir no futuro colaborações e oportunidades de carreira. Joe procurava uma maneira de incorporar a energia e espiritualidade do último período de John Coltrane em arranjos mais tradicionais e encontrou-a em Berklee, ao descobrir a harmonia modal.

Durante os anos de Boston Joe fez parte de uma cena vibrante, sempre a tocar e a encontrar-se com novos músicos o que, de resto, tem feito toda a sua vida. Para pagar os seus estudos continuou a trabalhar em clubes e outras sessões de jazz diversas, incluindo a participação num trio com órgão em que participava George Garzone, futuro membro do seu Noneto.

Os professores de Berklee tiveram também um papel chave no desenvolvimento da sua formação – Heb Pomeroy,

responsável pelo ensino de big band; Joe Viola, que dirigia o departamento de saxofone; Andy McGee, professor de saxofone conhecido pelos seus conceitos avançados em improvisação; o inspirado professor de improvisação John La Porta e Gary Burton.

Vinte anos depois Joe Lovano recebeu um Distinguished Alumni Award (prémio de distinto antigo aluno) de Berklee e um doutoramento *honoris causa* pela sua Universidade.

Depois de Berklee e a seguir a seis meses em que acompanhou Tom Jones, Joe voltou para Cleveland. Com a sua reputação a subir, foi chamado por Dr. Lonnie Smith, que vivia na altura em Detroit. Joe juntou-se ao organista para uma série de actuações em Motor City, bem como para um circuito de digressões em 1974.

Seguiu-se uma colaboração de seis meses com Brother Jack McDuff e The Heating System. O álbum que tinha gravado com Dr. Lonnie Smith, *Afrodesia* começou a ser passado frequentemente na rádio por essa altura o que levava a que o seu nome fosse reconhecido quando se apresentava com McDuff pelos diversos clubes.

O grupo actuou em Nova Iorque. Pela primeira vez Lovano tocou no Carnegie Hall e em Harlem no Club Barron. Tocar em Nova Iorque foi tão excitante que Joe se mudou para Manhattan. Começou a actuar com amigos e rapidamente foi trabalhar com Chet Baker no Stryker's, com Albert Daley no Folk City e com Rashied Ali no seu clube Ali's Alley. A cidade era, nessa altura, um viveiro de música, com lugares como Sam River's Studio Rivbea, Ladies Fort ou Tim Palace.

Poucos meses depois de se instalar

em Nova Iorque, em 1976, Joe participou na digressão comemorativa do 40º aniversário de Woody Herman que incluiu *The 40th Anniversary Concert* no Carnegie Hall. Nessa sua segunda presença naquela mítica sala, partilhou o palco com Stan Getz no clássico *Early Autumn* e foi solista juntamente com Frank Tiberi, Zoot Sims, Al Cohn, Jimmy Giuffre e Flip Phillips.

A colaboração durante três anos com Woody levou-o a uma digressão pela Europa e a tocar como solista nos mais importantes festivais internacionais. A agenda preenchedíssima da banda, com apenas uma paragem de duas semanas por ano, incluía a passagem por numerosas escolas superiores onde Joe teve as suas primeiras experiências dirigindo *workshops* e *masterclasses*.

Depois destes três anos intensos Joe decidiu que era tempo de mudar. Voltou para Nova Iorque instalando-se num *loft* em Chelsea que foi a sua casa durante 20 anos. Da experiência passada tinha já trabalhado com alguns dos melhores músicos do tempo. Uma das suas colaborações musicais foi com a vocalista e bailarina Judi Silvano. Para além da colaboração artística, iniciaram uma vida em comum.

Em 1980 Joe juntou-se à Mel Lewis Orchestra, de que Bob Brookmeyer era director musical, participando do concerto semanal que a banda deu durante onze anos no Village Vanguard.

Durante a sua ligação com a banda de Mel, Joe começou a trabalhar em grupos que liderava, tendo Mel como seu baterista. *Tones, Shapes and Colors*, o primeiro disco de Joe Lovano como líder, foi gravado ao vivo no Jazz Coalition Center em Nova Iorque.

Além do seu trabalho com Woody e Mel, Joe tocou em orquestras dirigidas por Carla Bley, Bob Brookmeyer, Charlie Haden (a Liberation Music Orchestra) e Gunther Schuller. Estas experiências serviram como catalisadores para criar o seu próprio ambiente musical utilizando conjuntos numerosos, incluindo o seu Noneto.

Em 1981 começou a tocar com Paul Motian num trio com o guitarrista Bill Frisell. O grupo celebrou recentemente o seu 20º aniversário. Trabalhar com Motion ajudou Joe a ter mais exposição e notoriedade, particularmente na Europa.

Cavalgando a onda do seu sucesso europeu, Lovano começou a fazer digressões como líder logo após a sua primeira gravação para a Soul Notes de Itália, *Tones, Shapes and Colors*. Iniciou-se por essa altura a sua colaboração com os melhores músicos europeus e simultaneamente ensinava e orientava *workshops*. Durante esse período gravou como líder para Soul Notes, Enja, Jazz Club, Label Bleu e Owl.

O seu grupo seguinte que lhe trouxe ainda maior atenção nacional e internacionalmente foi o quarteto do guitarrista John Scofield com o qual gravou e tocou de 1989 a 1993.

Enquanto a sua fama crescia, gravava e tocava com os maiores músicos da segunda metade do século XX, tais como Gunther Schuller, Herbie Hancock, Elvin Jones, Charlie Haden, Carla Bley, Bobby Hutcherson, Dave Brubeck, Billy Higgins, Dave Holland, Ed Blackwell, Michel Petrucciani, Lee Konitz, Abbey Lincoln, Tom Harrell, McCoy Tyner, Jim Hall, Bob Brookmeyer, entre muitos outros. Em 1990 formou com Liebman e Brecker o Saxophone Summit.

Em 1991 Lovano assinou contrato com a Blue Note Records e, desde então, liderando os seus próprios grupos, gravou cerca de 25 discos como líder, tornando-se num dos grandes músicos de jazz do nosso tempo.

O segredo do sucesso de Lovano reside na sua corajosa capacidade para desafiar e levar mais longe as escolhas conceptuais e temáticas que vai fazendo, à procura de novos modos de expressão que façam avançar o idioma jazzístico.

Joe tem uma longa experiência com vários ensembles e formatos, como duetos, trios, quartetos, quintetos, os seus ensemble de sopros, Street Band e Noneto, todos reflectindo a sua personalidade dinâmica e inovadora.

Para além da sua colecção de instrumentos de palheta, Joe tem uma colecção de gongos e uma bateria completa. Em casa, no seu estúdio, utiliza criativamente todos estes múltiplos instrumentos. Tocou bateria em três gravações para a Blue Note.

Lovano gravou cerca de 180 discos, recebeu numerosas distinções, sendo repetidamente considerado saxofonista do ano, ou músico do ano por várias revistas ou associações de críticos, e alguns dos seus discos foram ou nomeados ou premiados com o Grammy.

Retirado de www.joelovano.com

David Liebman

saxofone

David nasceu em Brooklyn, Nova Iorque, em 1946. Começou a ter aulas de piano clássico com 9 anos e de saxofone com 12. O seu interesse pelo jazz foi despertado por ter visto John Coltrane tocar ao vivo em clubes de Nova Iorque como Birdland, Village Vanguard e Half Note. Na escola secundária e na Universidade Liebman prosseguiu o seu interesse pelo jazz estudando com o guru do saxofone Joe Allard e com os músicos de jazz Lennie Tristano e Charles Lloyd. Concluída a formatura pela Universidade de Nova Iorque em História da América, começou a dedicar-se seriamente e a tempo inteiro ao jazz.

No princípio da década de 1970 fundou e presidiu à Free Life Communication, uma cooperativa de algumas dúzias de jovens músicos. Free Life tornou-se parte integrante da fértil cena de “jazz de sótão” desse tempo e foi financiada por The New York State Council of the Arts com uma residência no Space for Innovative Development com outros famosos grupos performativos (como a Alwin Nicolais Ballet Company).

Depois de um ano com Ten Wheel Drive, um dos primeiros grupos de jazz fusão, Liebman assegurou a invejável posição de saxofone/flauta no grupo do ex-baterista de John Coltrane, Elvin Jones. Passados dois anos alcançou o zénite do seu período de aprendizagem quando Miles Davis o contratou para a sua banda. De 1970 a 1974, pois, foram inúmeras as digressões, gravações, e experiências ganhas, por ter feito

parte de bandas de dois mestres do jazz, Jones e Davis. Ao mesmo tempo, Liebman começou a explorar o seu próprio caminho no trio Open Sky, com Bob Moses, e a seguir com o pianista Richie Beirach no grupo Lookout Farm. Este grupo gravou para a ECM e a A&M Records e fez digressões pelos EUA, Canadá, Índia, Japão e Europa.

Em 1977 Liebman acompanhou Chick Corea numa digressão mundial, formando depois o seu próprio quinteto com John Scofield como *sideman*. Após várias digressões mundiais e gravações com o quinteto durante cinco anos, voltou a trabalhar com Beirach em duo. Em 1981 fundou o grupo Quest. Inicialmente com o baixista George Mraz e o baterista Al Foster, a banda tornou-se mais sólida com o baixista Ron McClure e o baterista Billy Hart. O grupo gravou sete CD's, fez numerosas digressões e orientou muitos *workshops* para estudantes por todo o mundo, merecendo o aplauso da crítica internacional (recentemente o grupo voltou a reunir-se para digressões seleccionadas e novas gravações).

A actual banda regular de Liebman, formada em 1991, inclui o guitarrista Vic Juris, o baixista Tony Mariano e o baterista Marko Marcinko. Com estes músicos tem seguido uma direcção eclética que vai desde os *standards* do jazz a árias de Puccini, adaptações dos repertórios de John Coltrane e Miles Davis, composições originais em estilos que vão da *world music* ao jazz de fusão e *free*, mantendo sempre um repertório que balança o passado, o presente e o futuro.

Ao longo das últimas décadas Liebman tocou frequentemente com

músicos europeus de topo como Joachim Kuhn, Daniel Humair, Paolo Fresu, Jon Christensen, Bobo Stenson, Michel Portal, Wolfgang Reisinger e Jean-Paul Celea, entre outros. A sua reputação na Europa revela-se pelos convites que teve para actuar com big bands e orquestras como a WDR em Colónia e a Orquestra Metrópole na Holanda, ou grupos de música contemporânea como Klangforum de Viena ou o Ensemble Intercontemporain de Paris, interpretando música especialmente encomendada tendo em conta o seu estilo único no saxofone soprano.

Desde 1973 que Liebman tem conestado frequentemente nos três primeiros lugares das listas dos críticos da revista *Down Beat* na categoria de saxofone soprano. Participou em perto de 350 álbuns, sendo líder ou co-líder em 150 deles. Compôs várias centenas de temas originais. Publicou uma enorme variedade de livros, considerados clássicos no seu âmbito, DVD's didácticos e partituras de música de câmara.

A sua actividade como professor tem-no levado, literalmente, a todo o mundo, devido à variedade dos seus caminhos musicais, ao conhecimento de vários instrumentos e a uma capacidade para articular as complexidades da linguagem, da estética e da técnica do jazz. Em 1989 fundou a International Association of Schools of Jazz de que é actualmente Director Artístico e é artista residente na Manhattan School of Music de Nova Iorque. Recebeu numerosas distinções, como condecorações, um doutoramento *honoris causa*, nomeações para os Grammy, nomeações como melhor saxofonista do ano, bolsas, etc.

Retirado de www.daveliebman.com

Ravi Coltrane

saxofone

Ravi, o segundo filho de John Coltrane e da pianista e organista Alice Coltrane, nasceu em 1965 em Long Island, Nova Iorque. O pai morreu quando tinha dois anos. Foi criado na área de Los Angeles. O seu nome próprio é uma homenagem ao grande mestre da cítara indiana Ravi Shankar.

Na escola secundária começou a tocar clarinete, mas cresceu a ouvir uma grande variedade de músicas. «A minha mãe tocava piano e órgão todos os dias em casa. Levava-nos aos seus concertos e sessões de gravação. Punha a tocar os LP's do meu pai e discos de música clássica. Ouvi muito *Rythm and Blues*, música *soul*, música popular daquele tempo – James Brown, Stevie Wonder, Sly Stone, música da Motown, Earth Wind and Fire. Mais tarde voltei-me para Prince, Beatles, ouvi mais música sinfónica – Stravinsky, Dvořák. Era grande fã de músicas de filmes. Gostei sempre de jazz, mas só no final da adolescência e depois de profundas mudanças familiares a música se tornou numa força dominante na minha vida.»

Em 1986 Ravi entrou no California Institute of the Arts para prosseguir os seus estudos musicais focalizados no saxofone.

Em 1991 ligou-se a Elvin Jones, o famoso baterista do seu pai nos anos 1960, e teve a sua primeira experiência de vida no jazz. Um ano depois foi para Nova Iorque e começou a tocar com grandes músicos: Jack DeJohnette, Rashied Ali, Wallace Rooney, Antoine Rooney, Geri Allen, Kenny Barron,

Cindy Blackman, Joe Lovano, Joanne Brackeen, Gerry Gibbs, Graham Haynes, Steve Coleman. A sua colaboração com Coleman, durante a maior parte da década de 1990, com digressões e participações em vários álbuns, teve uma particular influência em Ravi.

Em 1997, quando já havia participado em mais de 30 álbuns como *sideman*, gravou o seu primeiro CD como líder, *Moving Pictures*, para a RCA (com Jeff “Tain” Watts na bateria, Lonnie Plaxico no contrabaixo e Michael Cain no piano). Formou então o seu grupo (com o pianista Andy Milne, o baixista Daryl Hall e o baterista Steve Hass, e o contrabaixista James Genus e o pianista George Colligan em frequentes substituições), com quem fez extensas digressões, viajando pela América do Norte e Europa. *From the Round Box* (com Geri Allen no piano, Ralph Alessi no trompete, James Genus no contrabaixo e Eric Harland na bateria) foi o segundo álbum de Ravi, editado em 2000. Muito bem recebido pela crítica, revelou um desafio crescente que Ravi se fazia a si próprio, entre exóticos *covers* e convincentes originais.

Em 2002 Ravi fundou a sua própria editora de discos, RKM. Os primeiros álbuns foram gravados por Ralph Alessi e pelo saxofonista Michael Ginnis.

No mesmo ano Coltrane produziu para a Verve *Legacy*, um álbum com quatro discos, um estudo temático da carreira do seu pai, e co-produziu e redigiu as *liner notes* para a reedição de luxo de *A Love Supreme*. Ravi prosseguiu o seu papel de arquivista da família do material não editado do seu pai, trabalhando com a Verve em novos projectos.

Em 2003 saiu o seu terceiro álbum,

Mad 6 (Columbia Records). Bem recebido pela crítica e pelos seus pares, *Mad 6* emula o ritmo e a energia de uma actuação íntima num clube e apresenta duas secções rítmicas revelando os talentos com que Ravi trabalhava ao tempo.

Ravi foi a força que guiou e impulsionou a sua mãe para voltar a gravar depois de uma pausa de 26 anos. *Translinear Light* (2004, Impulse!) reuniu Alice e Ravi com Charlie Haden, Jack DeJohnette, James Genus, Jeff Watts, Oran Coltrane e outros.

Formando o seu próprio quarteto com quem fez uma série de digressões, editou em 2005 o seu quarto álbum como líder, *In Flux* (Savoy Jazz). O quarteto já tinha participado, por exemplo, nos Festivais de Monterey (2001), Montreux e Newport (2004) e Viena (2005).

Em Janeiro de 2005 actuou pela primeira vez na Índia, incluído na delegação de músicos de jazz americanos enviados pelo State Department numa digressão para promover o conhecimento dos perigos da SIDA e das formas de os evitar. Participaram nessa digressão o vocalista Al Jarreau, o guitarrista Earl Klugh e o pianista George Duke, tocando em Mumbai (Bombaim) e Délhi. Ravi aproveitou a sua estadia em Délhi para visitar e tocar no Ravi Shankar Center, onde conheceu o homem que esteve na origem do seu nome.

Além de trabalhar e viajar com o seu próprio grupo, tocou ainda com McCoy Tyner, Pharoah Sanders, Carlos Santana, Wayne Shorter, Herbie Hancock, Chick Corea, John McLaughlin, Michael Brecker, George Duke, Stanley Clarke, Jeff “Tain” Watts, Branford Marsalis, Mark Turner, Jacky Terrasson e muitos outros.

Em 2008 Ravi participou no The Blue Note 7, um septeto formado nesse ano comemorando o 70º aniversário da Blue Note Records. O grupo gravou o álbum *Mosaic* (2009) e fez uma digressão pelos EUA. Toca música de vários artistas editados pela Blue Note com arranjos dos membros da banda e de Renee Rosnes.

Foi também em 2008 que Ravi foi chamado para integrar o Saxophone Summit na sua segunda gravação após a morte de Michael Brecker.

A partir de um texto em www.allaboutjazz.com e de informação recolhida na wikipedia

Phil Markowitz

piano

Nascido em 1952, Markowitz é um veterano com 30 anos de presença na cena internacional do jazz, que explora todo o potencial da música improvisada dentro do idioma do jazz. Inventivo, virtuoso, acessível, Phil tem uma visão virada para o futuro da música contemporânea. As suas gravações como líder incluem *Catalysis* do seu trio com Jay Anderson e Adam Nussbaum, *Taxi Ride* (uma incrível associação com o seu amigo de longa data Toots Thielemans), *In The Woods*, *Sno' Peas*, *Restless Dreams* (com o vibrafonista Joe Locke) e *7 plus 8* com o saxofonista Maurizio Giammarco.

Membro do Saxophone Summit desde o início, as suas credenciais alargam-se a uma variedade de géneros jazzísticos – do tradicional ao vanguardista, da sua associação, no início de carreira, a Chet Baker e Toots Thielemans à sua

colaboração, durante 20 anos, com Bob Mintzer e, durante 16 anos, a David Liebman.

Foi em 1979 que se juntou à banda de Chet Baker, onde permaneceu quatro anos, o que lhe permitiu viajar por todo o mundo e participar em álbuns como *Broken Wing*, *Live at Nick's Place*, *Two a Day*, *Live at Chateaufalton* e *Live at the Rising Sun*.

Phil tocou e/ou gravou com grandes nomes do jazz como Mel Lewis, Marian McPartland, Phil Woods, Lionel Hampton, Nick Brignola, Joe Chambers, Miroslav Vitous, Joe Williams e, numa parceria que dura até hoje, com Bob Mintzer. Phil é o pianista do quarteto de Bob e da sua big band e pode ser ouvido em registos como *In the Moment*, *Live at MCG*, *Homage to Count Basie* (premiado com um Grammy), *Quality Time*, *Latin in Manhattan*, *Big Band Trame*, *Only in New York*, *Departure*, *Art of the Big Band* e *Spectrum*.

A notoriedade de Phil como compositor aconteceu nos finais da década de 1970. Nessa altura estava a actuar com Thielemans num clube de Nova Iorque e quando tocaram a sua canção *Sno' Peas*, Bill Evans, que estava presente na audiência, gostou do tema e pediu a Thielemans que o levasse para a sessão de gravação que teriam daí a tempos. A gravação de Evans e Thielemans dessa canção no álbum *Affinity* (nomeado para um Grammy), tornou Markowitz conhecido como compositor de jazz.

Nos últimos 16 anos Phil tocou, fez digressões e gravou com o mestre do saxofone Dave Liebman. Phil foi pianista, compositor e/ou produtor de álbuns como *A Walk in the Clouds*, *Meditations*, *New Vista*, *Voyage*, *Retur of the Tenor*,

Songs for My Daughter, *Miles Away*, *Turn it Around* e *Classique*. Também gravou dois álbuns em duo, *But Beautiful* e *Manhattan Dialogues*. Com Liebman entrou logo na primeira formação do Saxophone Summit.

Além de tocar por todo o mundo Phil foi artista convidado e professor nos mais importantes conservatórios e universidades. Academicamente, porém, a sua base é a Manhattan School of Music onde é professor nos cursos de graduação e de doutoramento.

Recebeu bolsas e apoios de The Howard Foundation, Chamber Music America - The Doris Duke Foundation, The National Endowment for the Arts e The New York Foundation for the Arts.

Retirado de www.philmarkovitzjazz.com

Cecil McBee

contrabaixo

Cecil McBee nasceu em 1935 em Tulsa, Oklahoma, uma comunidade com raízes musicais ricas e variadas - incluindo *country* e *western*, *Rhythm and Blues*, música clássica e jazz.

A sua carreira iniciou-se na escola secundária onde começou por tocar clarinete. Ele e a sua irmã Shirley muito cedo ganharam fama no Estado tocando duetos de clarinete em concertos. Aos 17 anos Cecil começou a experimentar o contrabaixo, tocando frequentemente em clubes locais com grupos de topo do jazz e do *Rhythm and Blues*.

Estudou na Central State University em Wilberforce, Ohio, como clarinetista, e obteve um bacharelato em educação musical. Na Universidade, a tradição

profunda do jazz inspirou-o a focar a sua atenção no contrabaixo, na música clássica e na composição do jazz. Para se sustentar enquanto estudava, tocava contrabaixo como profissional. Os seus estudos formais foram interrompidos por ter sido mobilizado para o exército.

Passou dois anos como membro da 158th Army Band em Fort Knox Kentucky, banda que acabou por dirigir nos últimos três meses do seu serviço militar. Aí desenvolveu um estudo pessoal de composição e improvisação com o contrabaixo. Quando acabou o curso universitário, Cecil realizou que embora tivesse sido preparado para uma carreira de ensino, era mais estimulado pela improvisação do jazz. Por isso decidiu passar uns tempos em Detroit.

Detroit tinha, nessa altura, uma das mais poderosas comunidade de jazz. Em pouco tempo tornou-se membro do sexteto de Paul Winter e foi para Nova Iorque como membro do grupo.

Desde que chegou a Nova Iorque foi adoptado graças aos seus talentos. Tocou e viajou por todo o mundo com personalidades marcantes do jazz como Elvin Jones, Alice e Ravi Coltrane, McCoy Tyner, Miles Davis, Jack DeJohnette, Bobby Hutcherson, Keith Jarrett, Wayne Shorter, Yusef Lateef, Dinah Washington, Betty Carter, Jackie McLean, Pharoah Sanders, Freddie Hubbard, Charles Lloyd, Art Pepper, Chet Baker, Woody Shaw, Sam Rivers, Sonny Rollins, James Newton, Joe Henderson, Joanne Brackeen, Joe Lovano, Michael Brecker, Dave Liebman, Kenny Barron, Billy Hart, Victor Lewis, Eddi Anderson, Dollard Brand e outros.

McBee é também aclamado como um dos mais finos compositores de jazz.

As composições podem ser ouvidas quer nas actuações da sua banda ou de outras como Saxophone Summit ou Cookers em diversos álbuns.

Cecil McBee formou em 1973 o seu próprio quinteto com Hilton Ruiz (piano), Allan Nelson (bateria), Tex Allen (trompete) e John Stubblefield (saxofone tenor). Em 1995 reconstituiu este quinteto fazendo digressões pela Europa. A sua música está documentada no álbum *Unspoken*. A mais recente actuação desta banda aconteceu em Setembro deste ano do Jazz Standard de Nova Iorque.

Cecil é professor de improvisação no New England Conservatory em Boston há mais de 20 anos. Também ensinou durante 15 anos na New School of Music de Manhattan.

Retirado de www.cecilmcbeejazz.com

Billy Hart

bateria

William "Billy" Hart nasceu em 1940, em Washington DC. O seu tio era pianista, mas Billy aprendeu música como autodidacta.

No início da sua carreira, ainda estudante do ensino secundário, tocou em Washington com artistas da *soul* como Ottis Redding, Sam and Dave ou Smokey Robinson.

O saxofonista Buck Hill deu-lhe a descobrir Charlie Parker. Em 1960 iniciou-se profissionalmente como músico de jazz acompanhando a cantora e pianista Shirley Horn, com quem trabalhou três anos e meio, ao mesmo tempo que actuava nos Montgomery Brothers. Em

1964 Jimmy Smith chamou-o e com ele colaborou até 1966. Entre 1966 e 1968 fez parte do grupo de Wes Montgomery.

Com Eddie Harris e Pharoah Sanders gravou vários discos, depois tocou com Marian McPartland e de 1970 a 1973 fez parte do sexteto de Herbie Hancock, tocando ainda nos grupos de McCoy Tyner (1973-74), Stan Getz (1974-77) e na banda *Queer* (década de 1980).

Como *freelance* tocou e gravou, entre muitos outros, com Arnett Cobb, Miles Davis, Gil Evans, Sam Jones, Lee Konitz, Bennie Maupin, Gary Bartz, Teddy Edwards, Michel Petrucciani, Dave Holland, Steve Coleman, Bill Frisell, Didier Lockwood, Branford Marsalis, David Liebman, Marc Copland, Chris Potter, Chico Freeman, Paul Bley.

Estando à vontade tanto na música influenciada pela electrónica ou o rock, como no *free jazz* ou no bop, é considerado como um dos melhores e mais versáteis bateristas do jazz moderno, sendo um dos mais solicitados para tocar, gravar ou ensinar.

Actua literalmente por todo o mundo, participou em mais de 600 gravações, ensina em três prestigiadas escolas de música: Oberlin, Western Michigan University e New England Conservatory. Escreveu o livro *Jazz Drumming*.

Lidera um grupo com Mark Turner, Ethan Iverson e Ben Street com quem gravou em 2006 *Quartet*.

Informação retirada de Carles, Cklergeat, Comolli, *Dictionnaire du Jazz*, Paris, Lafon, 1994, e de páginas dispersas na internet

Próximo espectáculo

À deux pas de là-haut

ante-estrelia

de João Paulo dos Santos

Companhia O Último Momento

Integrado no Festival Temps d'Images 2010

Novo Circo Qui 18, Sex 19 Novembro

Grande Auditório · 21h30

Duração aproximada: 1h00 · M6



© Telles Vertigem

Direção João Paulo dos Santos **Colaboração artística - encenação** Olivier Antoine **Co-criação e interpretação** Guillaume Amaro, João Paulo dos Santos **Música** Marek Hunhap **Desenho de luz** Nicolas Le Clézio **Direção de cena** Alrik Reynaud **Figurinos** Fanny Mandonnet **Produção** Scènes de Cirque, Paris **Co-produção** Cirque Théâtre d'Elbeuf, Centre des Arts du cirque de Haute Normandie; L'Hippodrome, Scène Nationale de Douai; Culturgest; L'équinoxe, Scène Nationale de Châteauroux; La Verrerie, Pole National des Arts du Cirque en région Languedoc-Roussillon

À deux pas de là-haut, nova criação de João Paulo dos Santos co-produzida pela Culturgest - que apresentou, do mesmo autor, *Peut-être*, em 2006, e *Contigo*, em 2007 - transcende os limites do circo. Neste espectáculo, o circo (acrobacia no chão e no mastro chinês), a dança, a manipulação de objectos, a

música e o vídeo fundem-se num só. O palco transforma-se num ambiente de experimentação para diversas disciplinas.

Dois homens partilham um território; cada um com as suas questões, as suas forças, fraquezas, e com o seu corpo. A relação de ambos, quase invisível, lembra-nos um filme de Charlie Chaplin ou Buster Keaton. As acções de um desencadeiam movimentos no outro, provocando um encontro necessário e iminente.

Os portadores de bilhete para o espectáculo

têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Ana Franco Gil estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
